

Desempenho da economia gaúcha em 2004

Maria Conceição Schettert

Economista da FEE.

Resumo

Neste texto, apresentam-se as estimativas preliminares do PIB da economia do Rio Grande do Sul em 2004 e as revisões referentes a 2002 e 2003. Juntamente com o PIB global, são apresentadas suas estatísticas derivadas: taxas e participações estruturais dos setores que o compõem. Além disso, são feitos comentários pertinentes aos números apresentados.

Palavras-chave

Economia gaúcha; PIB em 2004; desempenho regional.

Abstract

*This text presents the preliminary estimates about the **Gross Domestic Product (GDP)** of Rio Grande do Sul in 2004 and the revisions of 2002 and 2003. Together with global GDP the text presents also the rates of growth of GDP by sectors of activity as well as some comments about the statistics.*

Artigo recebido em 18 jan. 2005.

Como procedimento sistemático, no quarto número anual desta revista, são publicados os valores e as taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) global e setorial da economia gaúcha, já divulgados por esta instituição na mídia, ao encerrar-se o ano, com as estimativas preliminares de 2004 e as revisões pertinentes a 2002 e 2003, esta última ainda mantendo o caráter

preliminar.¹ Também, conforme a sistemática, é publicado um anexo estatístico com séries dos últimos cinco anos das variáveis aqui consideradas. Ademais, tecem-se alguns comentários, de maneira a qualificar os números aqui apresentados.

O PIB do Estado, ocupando a posição de quarto lugar² entre os demais estados brasileiros, apresentou um crescimento de 3,6% em 2004, atingindo um valor de R\$ 149,2 bilhões. O PIB *per capita*, por sua vez, cresceu a uma taxa de 2,4%, alcançando o valor de R\$ 14,0 mil. Esse desempenho ficou bem aquém do estimado para 2003 (5,4%) e também, contrariando a tendência dos últimos anos, foi inferior ao do País, que, até o terceiro trimestre de 2004, conforme o IBGE, acumulou um crescimento de 5,3% e, de acordo com a projeção do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no total do ano, deve crescer 5,2%.

Apesar dessa performance inferior à do País, a economia sulina manteve o patamar de 8% de participação no PIB do Brasil. Convém salientar que o referido crescimento do PIB gaúcho se deu sobre uma base de comparabilidade elevada, ao contrário do crescimento brasileiro, e foi superior à taxa média de 2,3% dos 10 anos do Plano Real (1994-03), ficando próxima à dos últimos cinco anos (1999-03), quando a economia gaúcha cresceu, em média, 3,4%.

¹ As estatísticas foram elaboradas sob a responsabilidade do Núcleo de Contabilidade Social da FEE, compreendido pelos seguintes integrantes: Adalberto Maia Neto (Supervisor), Carlos Gouveia, Eliana da Silva, Juarez Meneghetti (Coordenador), Maria Conceição Schettert e Sérgio Fischer, além de, como colaboradores, os estagiários de Economia Etienne Marques e Lucas Nunes.

² O *ranking* dos principais estados, conforme sua participação no PIB brasileiro em 2002, último ano disponível para o conjunto, é o seguinte: São Paulo, 32,6%; Rio de Janeiro, 12,6%; Minas Gerais, 9,3%; Rio Grande do Sul, 7,8%; Paraná, 6,1%; Bahia, 4,6%; e Santa Catarina, 3,9%; tendo como referência **Contas Regionais do Brasil 2002**, publicada pelo IBGE, em 2004. Destaca-se que as estatísticas publicadas pelo IBGE referentes aos estados, incluindo o RS, são elaboradas pelas próprias instituições oficiais estaduais, derivam de metodologias homogêneas, portanto, comparáveis, e têm essa semelhança metodológica assegurada por convênio firmado entre as instituições e o IBGE, este último como coordenador geral, além de responsável pelas estatísticas oficiais brasileiras.

Tabela 1

Produto Interno Bruto total e *per capita* e suas taxas de crescimento
no Brasil e no Rio Grande do Sul — 1994-04

RIO GRANDE DO SUL (1)				
ANOS	PIB		Taxas de Crescimento (%)	
	Total (R\$ milhões)	<i>Per capita</i> (R\$)	Total	<i>Per capita</i>
1994	31 129	3 297,79	5,2	4,1
1995	53 653	5 623,58	-5,0	-6,0
1996	63 263	6 564,10	0,5	-0,5
1997	69 221	7 006,34	6,1	3,5
1998	70 542	7 062,83	-0,5	-1,6
1999	75 450	7 477,82	3,0	2,0
2000	85 138	8 356,81	4,4	3,4
2001	94 084	9 143,83	3,1	2,0
2002	104 451	10 045,19	1,1	0,0
2003	134 750	12 818,37	5,4	4,2
2004	149 233	14 037,57	3,6	2,4
BRASIL				
ANOS	PIB		Taxas de Crescimento (%)	
	Total (R\$ milhões)	<i>Per capita</i> (R\$)	Total	<i>Per capita</i>
1994	349 205	2 232,32	5,9	4,2
1995	646 192	4 067,30	4,2	2,6
1996	778 887	4 828,11	2,7	1,1
1997	870 743	5 316,55	3,3	1,7
1998	914 188	5 498,81	0,1	-1,4
1999	973 846	5 770,82	0,8	-0,7
2000	1 101 255	6 429,56	4,4	2,8
2001	1 198 736	6 896,35	1,3	-0,2
2002	1 346 028	7 630,93	1,9	0,4
2003	1 556 182	8 694,47	0,5	-0,9
2004	-	-	(2)5,3	-

FONTE: IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.
FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

(1) Estimativas preliminares para 2003 e 2004. (2) Taxa acumulada até o terceiro trimestre.

Tabela 2

Participação do PIB do RS no PIB do Brasil — 1994-04

ANOS	PARTICIPAÇÃO %
1994	8,91
1995	8,30
1996	8,12
1997	7,95
1998	7,72
1999	7,75
2000	7,73
2001	7,85
2002	7,76
2003 (1)	8,66
2004 (1)	8,52

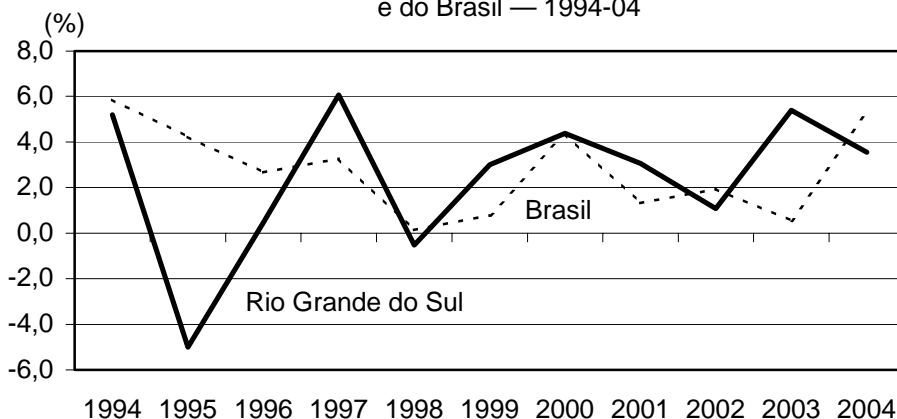
FONTE: IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.
FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

(1) Estimativas preliminares.

Ao observar-se o Gráfico 1, onde estão delineadas as trajetórias de crescimento das economias brasileira e gaúcha nessa década do Plano Real, verifica-se uma característica comum a ambas: as duas apresentam crescimentos descontínuos, marcados por fortes oscilações, maiores ainda na do Estado, e com o agravante de serem taxas insuficientes para alavancar uma linha de tendência crescente. Isso enseja a indagação sobre se os crescimentos verificados em 2004, nas duas economias, terão continuidade e, em caso afirmativo, se terão magnitudes que permitam um traçado ascendente capaz de aplacar a grave crise social vivenciada na história brasileira recente, com taxas de desemprego sem precedentes. Essas questões perpassam o grande debate nacional sobre a sustentabilidade do crescimento.

Gráfico 1

Taxas de crescimento anual do PIB do Rio Grande do Sul
e do Brasil — 1994-04



FONTE: FEE.

IBGE.

NOTA: Os dados de 2004 são preliminares.

Uma assertiva de consenso acerca da continuidade do crescimento é a necessidade de deslocar o foco do mercado externo, que tem sido o propulsor do crescimento, para a demanda interna, ou seja, que o investimento e o consumo domésticos passem a ter papel relevante no crescimento. Não é tarefa fácil. Em um rápido esboço do quadro, pode ser dito que todos os fatores têm concorrido para desestimular a demanda interna, especialmente considerando-se a política econômica dos últimos anos, decorrente da intervenção do Fundo Monetário Internacional após a grave crise financeira da Ásia, em fins de 1997, quando foram adotados um rigoroso ajuste fiscal e a manutenção das taxas de juros elevadas. Em janeiro de 1999, foi flexibilizado o câmbio, e a política econômica ficou centrada em estimular o ingresso de capitais em controlar a inflação e em administrar a dívida exponencial do setor público produzida pela própria engrenagem monetária, que, em um círculo vicioso, a realimenta pela entrada daqueles capitais.

Então, o estímulo às exportações propiciado pela flexibilização cambial, associado à conjuntura de comércio internacional favorável, concorreu para um fato novo a partir de 2003, que foi a geração de saldos comerciais elevados, significando uma “saída” menos onerosa para o ajuste do balanço de pagamentos. Assim, a política econômica brasileira, à qual a dinâmica da economia

regional é atrelada, tem na geração desses superávits sua principal variável de controle. Portanto, em um horizonte próximo, a palavra de ordem continuará sendo exportar.

Logo, tanto a economia nacional quanto a gaúcha tiveram, em 2004, como dinamizador do desempenho positivo, o mercado externo e, pelo lado da oferta, o setor industrial. Neste último, destacam-se as atividades ligadas à agroindústria, a qual, por sua vez, também teve como principal vetor de dinamismo as exportações.

Na economia estadual, essas duas fontes propulsoras do dinamismo são mais preponderantes. Em primeiro lugar, porque a economia gaúcha, tradicionalmente, tem no parque fabril uma inter-relação bem estreita com o setor agrícola, que, no seu conjunto, representa aproximadamente 30% do PIB estadual³, enquanto, para o Brasil, foi calculada uma participação da agroindústria de cerca de 20% do PIB⁴. Em segundo lugar, porque a economia gaúcha tem uma vocação exportadora maior que a brasileira, revelada por um maior coeficiente de abertura (exportações como proporção do PIB) — em média, três pontos percentuais acima —, o que, inclusive, é natural, em se tratando de uma economia regional *vis à vis* a uma economia de dimensões continentais como a brasileira, daí por que as exportações têm um papel mais decisivo no desempenho da economia gaúcha.

As exportações do RS acumuladas até novembro de 2004 atingiram a cifra de US\$ 9.005 milhões, representando uma variação positiva de 22,5% sobre igual período do ano anterior, enquanto, no Brasil, a cifra, no ano, alcançou US\$ 96.475 milhões, com uma variação de 31,9%, propiciando um elevado superávit na balança comercial, de US\$ 33.696 milhões, concorrendo para o saldo recorde em conta corrente de US\$ 11 bilhões.

Examinando-se setorialmente o comportamento da economia, dos três setores tradicionalmente analisados — agropecuária, indústria e serviços —, o crescimento do setor industrial (6,6%) foi o que mais contribuiu para o aumento global do PIB, não apenas pela taxa mais expressiva, mas também pelo peso relevante (40,6%) do mesmo na estrutura produtiva regional. A indústria brasileira teve comportamento semelhante, cuja projeção para o ano (IPEA) estima um incremento de 6,2%. A agropecuária, com uma participação de 18%, foi o destaque negativo (-1,3%), contrastando com a excelente performance do ano anterior (21,1%) e com a estimativa brasileira para o setor em 2004, de 6,0%. Por último, o setor serviços, com uma participação de 41,4%, apresentou um

³ PORSSSE, Alexandre. **Notas metodológicas sobre o dimensionamento do PIB do agronegócio do RS**. Porto Alegre: FEE, 2003. (Documentos FEE n. 55).

⁴ Estimativa metodologicamente comparável àquela desenvolvida na FEE, realizada pela Associação Brasileira de Agribusiness (Abag).

desempenho (2,7%) também ligeiramente inferior às projeções brasileiras para o setor (3,8%), mas situando-se na média dos últimos cinco anos.

Tabela 3

Índices de volume e taxas de crescimento do VAB, por setores de atividade, e do PIB do Rio Grande do Sul — 2004

SETORES DE ATIVIDADE	ÍNDICES DE VOLUME	TAXAS (%)
Agropecuária	151,13	-1,3
Indústria	120,76	6,6
Indústria de transformação	117,98	7,7
Eletricidade, gás e água	139,01	2,3
Construção civil	132,08	-0,4
Serviços	119,31	2,7
Comércio	106,85	4,1
Transportes e armazenagem	134,96	5,7
Administração pública	111,39	1,1
Demais serviços	128,08	2,5
VAB	123,27	3,6
PIB	123,06	3,6

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

NOTA: 1. Os dados têm por base 1994 = 100.

2. Estimativas preliminares.

Dentre os segmentos que compõem a indústria, destaca-se sobremaneira a indústria de transformação, não apenas pela taxa expressiva verificada (7,7%) ou pelo peso majoritário — aproximadamente 85% do total da indústria —, mas também porque, conceitualmente, é a atividade que imprime maior dinamismo ao setor como um todo e à economia em geral. As atividades da indústria de transformação que mais se salientaram pelo bom desempenho, previsivelmente, foram aquelas com destaque nas exportações. Para citar alguns casos,⁵ o

⁵ As taxas de crescimento da produção industrial e das exportações referem-se ao período acumulado até outubro de 2004 (contra igual período do ano anterior), para permitir a comparabilidade entre as taxas, pois as informações sobre a produção industrial estão disponíveis só até esse mês.

crescimento da indústria do fumo (28,9%) foi acompanhado pelo incremento nas suas vendas para o Exterior (34,7%); o da indústria de veículos automotores (22,8%) teve correspondência no crescimento de suas exportações (20,3%), especialmente quanto aos itens cabines, carrocerias, reboques, peças e acessórios para veículos; o da indústria de máquinas e equipamentos (19,9%) refletiu o aumento de suas vendas externas (55,4%), especialmente com tratores, máquinas e equipamentos para o setor agrícola; a metalúrgica básica (17,6%), como exceção, apresentou um crescimento discreto nas exportações de siderurgia (13,4%) e um resultado negativo no item como um todo; a indústria do mobiliário (13,7%) vem incrementando suas vendas externas (53,9%); e o crescimento da indústria de produtos de metal (10,8%) também teve correspondência na boa performance das exportações (49%), particularmente nos itens de estruturas metálicas, calderaria pesada, tanques, caldeiras e reservatórios.⁶ Como destaques negativos, a indústria química (-0,1%), importante segmento da estrutura industrial, apresentou um valor modesto nas exportações (17,7%) e queda em volume exportado (-7,0%); a indústria alimentar (-0,9%), principal atividade da estrutura produtiva industrial gaúcha e também da pauta exportadora, não compensou, com o incremento das exportações (34,7%), o retraimento do mercado interno para o qual essa indústria tradicional é muito voltada; e, por último, a indústria de calçados (-1,7%), segundo mais importante segmento da pauta exportadora e que vem sofrendo a concorrência dos produtos asiáticos, apresentou um crescimento modesto em valor exportado (11,1%) e queda em volume (-5,8%).

Com referência aos desempenhos dos outros setores industriais, a construção civil (-0,4%) e o setor de produção de energia elétrica e água (2,3%) deram uma contribuição menor para a taxa global do setor, em razão das participações estruturais menos relevantes — 11% e 4% respectivamente — e das taxas, que não compensaram os pesos menos expressivos. A indústria da construção civil, nos últimos cinco anos, vem apresentando taxas insignificantes, que não resgatam o patamar produtivo de 2000, e, de longa data, o setor ressen-te-se da ausência de uma política de crédito habitacional de longo prazo e, especialmente, da ausência dos gastos governamentais de grande monta em infra-estrutura, que propiciariam externalidades positivas para o setor. O segmento de eletricidade e água, tradicionalmente referido como serviços de utilidade pública, tem seu desempenho atrelado à demanda da população por

⁶ Em geral, o aumento em valor das exportações destacado acima para as referidas indústrias foi acompanhado por substantivos crescimentos no volume exportado. Os casos de exceção são explicitados.

serviços tradicionais de infra-estrutura básica, assim, acompanhou a taxa média (2,1%) dos últimos cinco anos (1999-03). Essa atividade apresentou taxas mais elevadas de crescimento, de meados da década de 90 até 2000, como reflexo das privatizações ocorridas nas empresas públicas de energia elétrica, que foram alvo dos investimentos privados.

Tabela 4

Taxas de crescimento da produção da indústria de transformação, por atividade, do Rio Grande do Sul — 2002-04

	(%)		
ATIVIDADES	2002	2003	2004 (1)
Fumo	-65,4	-5,7	28,9
Veículos automotores	21,0	5,8	22,8
Máquinas e equipamentos	20,9	11,2	19,9
Metalurgia básica	5,2	1,3	17,6
Mobiliário	-25,7	-9,6	13,7
Borracha e plástico	-5,5	-4,0	13,3
Produtos de metal – exclusive máquinas e equipamentos	9,3	5,3	10,8
Bebidas	-26,0	-4,9	7,6
Edição, impressão e reprodução de gravações	-	-14,8	3,8
Celulose, papel e produtos de papel	7,4	12,6	0,1
Produtos químicos	-3,5	14,4	-0,1
Alimentos	0,9	-9,0	-0,9
Calçados e artigos de couro	1,8	-4,4	-1,7
Refino de petróleo e álcool	-8,5	-3,6	-3,6

FONTES: PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: Produção Física. [Rio de Janeiro]: IBGE, 2002-2004.

(1) Taxa acumulada até outubro.

A agropecuária no Estado teve sua má performance, em 2004, condicionada pelo desempenho negativo da produção da lavoura (-2,1%), contrastando com o alto crescimento ocorrido no ano anterior (27,8%). Esse segmento, que é o mais relevante do setor agropecuário — aproximadamente 66% —, concentra a produção em algumas culturas de maior peso, a saber, soja, arroz, trigo, fumo, mandioca e milho, que representam, juntas, cerca de 90% da produção lavoureira. Dentre elas, apenas duas apresentaram crescimento, o arroz (34,9%) e o fumo (50,0%), decorrentes de expressivos aumentos de produtividade, enquanto as

demais acusaram pesadas perdas, tal como a soja (-42,1%), a mais importante cultura do Estado e a maior perda de safra do ano, com reflexos negativos, inclusive, sobre as exportações. As demais culturas, com menor peso relativo na estrutura produtiva, também apresentaram frustração de safra, com algumas exceções, como foi o caso da uva, que teve expressivo crescimento (42,4%). As perdas de safra do ano, em geral, ocorreram pela perda de produtividade.

O outro segmento de destaque da agropecuária, o da produção animal, com aproximadamente 31% de participação no setor, obteve um crescimento de 2,4%, superior ao ocorrido no ano anterior, que foi de 1,9%, contribuindo positivamente para a taxa global do setor agrícola. Destacam-se na sua estrutura produtiva os seguintes rebanhos para corte: bovinos, suínos e aves, os quais, juntamente com a produção de leite, perfazem 90% de participação. Os que mais contribuíram para o crescimento da atividade como um todo foram a avicultura (3,9%), a bovinocultura (2,3%) e a produção leiteira (8,8%). O rebanho bovino, com participação de cerca de 30%, vem perdendo posição relativa para as aves — com aproximadamente 22% —, evidenciando-se uma mudança de perfil na estrutura produtiva da pecuária, em razão do significativo crescimento médio (6,0%) da avicultura no período 1994-03, atividade esta com expressão na pauta exportadora sulina.

O setor serviços (referido na Tabela 3), que se constitui numa mescla de atividades caracterizadas por serem complementares aos demais setores e, portanto, relativamente condicionadas ao desempenho daqueles, teve no crescimento do comércio (4,1%) e no de transportes (5,7%), segmentos bem ilustrativos dessa característica, as contribuições mais relevantes para a taxa global do setor. O comércio beneficiou-se de um certo aquecimento ocorrido no mercado interno, refletido na queda da taxa de desemprego.⁷

É prematuro, com o recente encerramento de 2004, arriscar prognósticos para a economia gaúcha em 2005. Contudo os primeiros indícios para o próximo desempenho não são otimistas: no último trimestre de 2004, o Estado foi assolado por uma severa estiagem, que, se não houver uma reversão, poderá comprometer a colheita de 2005. Além disso, os índices da produção industrial, a partir de agosto, mostraram crescimento, mas com desaceleração, tendência verificada também para a indústria brasileira.

⁷ Um indicativo de melhoria na absorção de mão-de-obra, em 2004, foi a queda (-16,2%) da variação anual, até novembro desse ano contra igual período de 2003, na taxa de desemprego total (desempregados/População Economicamente Ativa), na Região Metropolitana de Porto Alegre, segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre (PED-RMPA), realizada através de convênio firmado entre a FEE, a Fundação SEADE (SP), a Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social (FGTAS/SINE-RS) e o DIEESE.

Tabela 5

Varição percentual da lavoura e produção e variação percentual de seus principais produtos no Rio Grande do Sul — 2002-04

PRINCIPAIS PRODUTOS	PRODUÇÃO (t)			VARIÇÃO %	
	2002	2003	2004 (1)	2003	2004 (1)
Lavoura	-	-	-	27,8	-2,1
Fumo	339 832	322 064	482 951	-5,2	50,0
Uva	570 181	489 015	696 557	-14,2	42,4
Arroz	5 486 333	4 697 151	6 338 117	-14,4	34,9
Cebola	162 344	123 325	158 086	-24,0	28,2
Maçã	346 799	329 461	353 140	-5,0	7,2
Laranja	346 042	354 700	349 668	2,5	-1,4
Feijão	146 063	137 865	133 688	-5,6	-3,0
Trigo	1 126 524	2 395 557	2 258 240	112,7	-5,7
Batata-inglesa	384 115	313 157	294 913	-18,5	-5,8
Mandioca	1 275 913	1 315 223	1 232 927	3,1	-6,3
Cana-de-açúcar	1 075 300	1 136 114	999 210	5,7	-12,1
Banana	115 262	114 685	94 916	-0,5	-17,2
Milho	3 901 171	5 426 124	3 371 277	39,1	-37,9
Soja	5 610 518	9 579 297	5 541 706	70,7	-42,1

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 6

Área colhida e produtividade dos principais produtos da lavoura
do Rio Grande do Sul — 2003 e 2004

PRODUTOS	2003		2004 (1)		TAXA DE CRESCIMENTO (%)	
	Área Colhida (ha)	Produtividade (t/ha)	Área Colhida (ha)	Produtividade (t/ha)	Área Colhida	Produtividade
Arroz	961 760	4,88	1 044 124	6,07	8,6	24,3
Banana	10 768	10,65	10 382	9,14	-3,6	-14,2
Batata-inglesa ...	29 451	10,63	25 959	11,36	-11,9	6,8
Cana-de-açúcar	32 165	35,32	31 768	31,45	-1,2	-11,0
Cebola	13 035	9,46	11 252	14,05	-13,7	48,5
Feijão	155 937	0,88	136 456	0,98	-12,5	10,8
Fumo	196 179	1,64	228 946	2,11	16,7	28,5
Laranja	27 019	13,13	27 216	12,85	0,7	-2,1
Maçã	13 355	24,67	13 447	26,26	0,7	6,5
Mandioca	88 911	14,79	88 187	13,98	-0,8	-5,5
Milho	1 415 297	3,83	1 199 523	2,81	-15,2	-26,7
Soja	3 591 470	2,67	3 968 530	1,40	10,5	-47,6
Trigo	1 063 194	2,25	1 120 485	2,02	5,4	-10,6
Uva	38 517	12,70	40 351	17,26	4,8	36,0

FONTE: IBGE.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 7

Taxas de crescimento da produção animal e de seus principais produtos
no Rio Grande do Sul — 2003 e 2004

PRINCIPAIS PRODUTOS	2003	2004 (1)
Produção animal	1,9	2,4
Leite	-1,0	8,8
Mel	20,9	5,2
Aves	3,4	3,9
Bovinos	1,5	2,3
Suínos	2,7	0,1
Ovos	1,4	-1,8
Lã	-0,3	-5,7
Ovinos	-0,7	-6,7

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

(1) Estimativas preliminares.

Anexo

Tabela 1

Composição do Produto Interno Bruto a preço de mercado corrente
do Rio Grande do Sul — 1985-04

ANOS	UNIDADE MONETÁRIA	VALOR ADICIONADO BRUTO A PREÇO BÁSICO CORRENTE	SERVIÇOS DE INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA INDIRETAMENTE MEDIDOS (-)	IMPOSTOS SOBRE PRODUTOS, LÍQUIDOS DE SUBSÍDIOS (+)	PRODUTO INTERNO BRUTO A PREÇO DE MERCADO CORRENTE
1985	Cr\$ bilhão	99 055	7 195	10 363	102 222
1986	Cz\$ milhão	258 912	10 869	29 092	277 135
1987	Cz\$ milhão	861 819	69 616	78 207	870 410
1988	Cz\$ milhão	6 751 182	534 504	553 539	6 770 216
1989	NCz\$ milhão	107 774	11 299	6 919	103 395
1990	Cr\$ milhão	2 475 218	166 641	274 672	2 583 249
1991	Cr\$ milhão	12 307 260	774 125	1 301 003	12 834 137
1992	Cr\$ milhão	150 979 761	13 452 397	13 626 277	151 153 642
1993	CR\$ milhão	3 537 659	345 686	275 249	3 467 223
1994	R\$ milhão	30 190	1 849	2 788	31 129
1995	R\$ milhão	50 803	2 140	4 990	53 653
1996	R\$ milhão	59 786	2 010	5 487	63 263
1997	R\$ milhão	65 323	1 983	5 882	69 221
1998	R\$ milhão	67 133	2 467	5 876	70 542
1999	R\$ milhão	71 341	2 485	6 595	75 450
2000	R\$ milhão	79 767	2 325	7 695	85 138
2001	R\$ milhão	88 025	2 930	8 990	94 084
2002	R\$ milhão	99 878	5 186	9 759	104 451
2003 (1)	R\$ milhão	128 851	-	-	134 750
2004 (1)	R\$ milhão	142 699	-	-	149 233

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.
IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 2

Valor Adicionado Bruto a preço básico corrente, por setores de atividade,
do Rio Grande do Sul — 1999-03

(R\$ milhão)

SETORES	1999	2000	2001	2002	2003 (1)
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	9 481	9 532	12 739	14 780	23 134
Indústria	26 751	32 683	35 201	39 634	52 347
Indústria extrativa mineral	74	90	88	100	185
Indústria de transformação	21 786	26 288	28 578	32 571	44 212
Eletricidade, gás e água	1 516	1 538	1 759	1 978	2 238
Construção civil	3 375	4 767	4 776	4 985	5 712
Serviços	35 108	37 552	40 085	45 464	53 370
Comércio, reparação de veículos e de objetos pessoais e de uso doméstico	6 970	7 561	8 311	8 942	11 468
Alojamento e alimentação	957	1 018	1 013	1 064	1 232
Transportes e armazenagem	1 303	1 281	1 427	1 619	1 916
Comunicações	1 207	1 337	1 763	2 009	2 314
Intermediação financeira	3 267	3 131	3 677	6 222	8 115
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	9 177	9 477	9 744	10 120	11 708
Administração pública, defesa e seguridade social	9 153	10 594	10 759	11 975	12 534
Saúde e educação mercantis ...	1 927	1 888	1 924	1 953	2 265
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	813	896	1 032	1 075	1 258
Serviços domésticos	335	368	434	485	560
Valor Adicionado Bruto a preço básico corrente	71 341	79 767	88 025	99 878	128 851

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 3

Estrutura do Valor Adicionado Bruto a preço básico corrente, por setores de atividade, do Rio Grande do Sul — 1999-03

(%)

SETORES	1999	2000	2001	2002	2003 (1)
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	13,29	11,95	14,47	14,80	17,95
Indústria	37,50	40,97	39,99	39,68	40,63
Indústria extrativa mineral	0,10	0,11	0,10	0,10	0,14
Indústria de transformação	30,54	32,96	32,47	32,61	34,31
Eletricidade, gás e água	2,12	1,93	2,00	1,98	1,74
Construção civil	4,73	5,98	5,43	4,99	4,43
Serviços	49,21	47,08	45,54	45,52	41,42
Comércio, reparação de veículos e de objetos pessoais e de uso doméstico	9,77	9,48	9,44	8,95	8,90
Alojamento e alimentação	1,34	1,28	1,15	1,07	0,96
Transportes e armazenagem	1,83	1,61	1,62	1,62	1,49
Comunicações	1,69	1,68	2,00	2,01	1,80
Intermediação financeira	4,58	3,93	4,18	6,23	6,30
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas ..	12,86	11,88	11,07	10,13	9,09
Administração pública, defesa e seguridade social	12,83	13,28	12,22	11,99	9,73
Saúde e educação mercantis	2,70	2,37	2,19	1,96	1,76
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	1,14	1,12	1,17	1,08	0,98
Serviços domésticos	0,47	0,46	0,49	0,49	0,43
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 4

Índice de volume do Valor Adicionado Bruto, por setores de atividade,
do Rio Grande do Sul — 1999-03

SETORES	1999	2000	2001	2002	2003 (1)
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	115,10	115,37	129,62	126,50	153,14
Indústria	97,00	104,73	106,34	109,31	113,28
Indústria extrativa mineral	157,81	173,16	148,94	152,35	183,27
Indústria de transformação	91,32	99,43	101,44	105,12	109,52
Eletricidade, gás e água	126,97	133,07	131,61	134,28	135,83
Construção civil	129,79	134,33	134,35	131,73	132,61
Serviços	107,72	110,83	113,01	114,13	116,21
Comércio, reparação de veículos e de objetos pessoais e de uso doméstico	98,48	100,93	101,67	101,32	102,62
Alojamento e alimentação	109,56	113,98	114,52	115,60	120,16
Transportes e armazenagem	121,71	124,13	131,01	128,88	127,69
Comunicações	206,26	246,42	285,38	302,48	318,76
Intermediação financeira	105,62	110,57	113,74	115,50	122,04
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas ..	113,98	117,17	118,72	119,45	121,32
Administração pública, defesa e seguridade social	105,57	106,64	107,71	108,92	110,15
Saúde e educação mercantis	106,69	107,77	108,86	110,09	111,24
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	107,92	110,25	115,55	123,24	114,65
Serviços domésticos	101,41	102,44	105,33	106,53	104,20
VAB	103,71	108,31	111,60	112,96	119,04
PIB	103,71	108,25	111,56	112,76	118,84

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

NOTA: 1. Os dados tem como base 1994 = 100.

2. A partir de 2000, os índices do VAB e do PIB são diferentes, em razão de que os impostos passaram a ter deflatores específicos.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 5

Taxa de crescimento do Valor Adicionado Bruto, por setores de atividade,
do Rio Grande do Sul — 1999-03

(%)

SETORES	1999	2000	2001	2002	2003 (1)
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	10,3	0,2	12,4	-2,4	21,1
Indústria	1,7	8,0	1,5	2,8	3,6
Indústria extrativa mineral	18,9	9,7	-14,0	2,3	20,3
Indústria de transformação	1,7	8,9	2,0	3,6	4,2
Eletricidade, gás e água	3,4	4,8	-1,1	2,0	1,1
Construção civil	1,1	3,5	0,0	-1,9	0,7
Serviços	2,0	2,9	2,0	1,0	1,8
Comércio, reparação de veículos e de objetos pessoais e de uso doméstico	2,5	2,5	0,7	-0,3	1,3
Alojamento e alimentação	3,7	4,0	0,5	0,9	3,9
Transportes e armazenagem	5,1	2,0	5,5	-1,6	-0,9
Comunicações	28,7	19,5	15,8	6,0	5,4
Intermediação financeira	3,4	4,7	2,9	1,5	5,7
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	-0,1	2,8	1,3	0,6	1,6
Administração pública, defesa e seguridade social	1,1	1,0	1,0	1,1	1,1
Saúde e educação mercantis	1,1	1,0	1,0	1,1	1,1
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	0,8	2,2	4,8	6,7	-7,0
Serviços domésticos	-2,8	1,0	2,8	1,1	-2,2
VAB	3,0	4,4	3,0	1,2	5,4
PIB	3,0	4,4	3,1	1,1	5,4

FONTE: IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 6

Deflator implícito do Valor Adicionado Bruto a preço básico, por setores de atividade, do Rio Grande do Sul — 1999-03

SETORES	1999	2000	2001	2002	2003 (1)
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	189,90	190,46	226,57	269,35	348,25
Total da Indústria	205,55	232,60	246,71	270,25	344,41
Indústria extrativa mineral	207,63	230,21	262,78	292,41	448,72
Indústria de transformação	208,93	231,55	246,71	271,35	353,52
Eletricidade, gás e água	243,33	235,62	272,39	300,27	335,92
Construção civil	175,08	238,91	239,33	254,73	289,94
Total de serviços	262,11	272,47	285,25	320,35	369,32
Comércio, reparação de veículos e de objetos pessoais e de uso doméstico	248,18	262,67	286,66	309,48	391,87
Alojamento e alimentação	262,71	268,76	266,16	276,89	308,38
Transportes e armazenagem	179,85	173,38	182,95	211,02	251,98
Comunicações	274,42	254,44	289,79	311,47	340,49
Intermediação financeira	150,82	138,07	157,61	262,65	324,23
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	439,88	441,92	448,45	462,88	527,29
Administração pública, defesa e seguridade social	246,17	282,09	283,63	312,14	323,07
Saúde e educação mercantis	258,93	251,17	253,40	254,30	291,93
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	336,64	363,18	399,08	389,61	490,27
Serviços domésticos	280,91	305,23	350,17	387,51	457,06
VAB	227,86	243,94	261,27	292,88	358,52
PIB	233,72	252,66	270,93	297,57	364,26

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

NOTA: Os dados tem como base 1994 = 100.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 7

Produto Interno Bruto e deflator implícito do Rio Grande do Sul — 1985-04

ANOS	UNIDADES MONETÁRIAS	VALORES CORRENTES	ÍNDICE (1)	VARIAÇÃO ANUAL DO ÍNDICE (%)	DEFLATOR (1)	VARIAÇÃO ANUAL DO DEFLATOR (%)
1985	Cr\$ bilhão	102 222	77,98	-	1,5E-07	-
1986	Cz\$ milhão	277 135	81,69	4,7	4,0E-07	158,8
1987	Cz\$ milhão	870 410	85,01	4,1	1,2E-06	201,8
1988	Cz\$ milhão	6 770 216	83,96	-1,2	9,4E-06	687,6
1989	NCz\$ milhão	103 395	86,77	3,4	1,4E-04	1 377,6
1990	Cr\$ milhão	2 583 249	81,02	-6,6	3,7E-03	2 576,0
1991	Cr\$ milhão	12 834 137	79,24	-2,2	1,9E-02	408,0
1992	R\$ milhão	151 153 642	85,81	8,3	2,1E-01	987,5
1993	R\$ milhão	3 467 223	95,06	10,8	4,3E+00	1 970,6
1994	R\$ milhão	31 129	100,00	5,2	100,00	2 247,1
1995	R\$ milhão	53 653	94,99	-5,0	181,44	81,4
1996	R\$ milhão	63 263	95,44	0,5	212,94	17,4
1997	R\$ milhão	69 221	101,22	6,1	219,68	3,2
1998	R\$ milhão	70 542	100,69	-0,5	225,06	2,5
1999	R\$ milhão	75 450	103,71	3,0	233,72	3,8
2000	R\$ milhão	85 138	108,25	4,4	252,66	8,1
2001	R\$ milhão	94 084	111,56	3,1	270,93	7,2
2002	R\$ milhão	104 451	112,76	1,1	297,57	9,8
2003 (2)	R\$ milhão	134 750	118,84	5,4	364,26	22,4
2004 (2)	R\$ milhão	149 233	123,06	3,6	389,57	6,9

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.
 IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.
 (1) Base: 1994 = 100. (2) Estimativas preliminares.

Tabela 8

Produto Interno Bruto *per capita* do Rio Grande do Sul — 1985-04

ANOS	UNIDADES MONETÁRIAS	VALORES CORRENTES	ÍNDICE (1)	VARIAÇÃO ANUAL (%)
1985	Cr\$	12 198 784	87,85	-
1986	Cz\$	32 567	90,61	3,1
1987	Cz\$	100 745	92,88	2,5
1988	Cz\$	772 191	90,39	-2,7
1989	NCz\$	11 627	92,11	1,9
1990	Cr\$	286 474	84,81	-7,9
1991	Cr\$	1 404 377	81,84	-3,5
1992	Cr\$	16 360 746	87,68	7,1
1993	CR\$	371 266	96,09	9,6
1994	R\$	3 298	100,00	4,1
1995	R\$	5 624	93,98	-6,0
1996	R\$	6 564	93,47	-0,5
1997	R\$	7 006	96,71	3,5
1998	R\$	7 063	95,16	-1,6
1999	R\$	7 478	97,02	2,0
2000	R\$	8 357	100,30	3,4
2001	R\$	9 144	102,34	2,0
2002	R\$	10 045	102,36	0,0
2003 (2)	R\$	12 818	106,71	4,2
2004 (2)	R\$	14 038	109,27	2,4

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Base: 1994 = 100. (2) Estimativas preliminares.